

Resumo: *Querendo contribuir para um melhor aproveitamento do “Jubileu da Misericórdia”, promulgado pelo papa Francisco, o autor procura aprofundar o próprio conceito da “misericórdia” na tradição bíblica, verificando alguns dos textos em que o termo ocorre, tanto no Antigo como no Novo Testamento. Primeiro, aborda o problema semântico dos termos bíblicos que designam a misericórdia, especialmente o hebraico hesed e o grego éleos. A seguir, comenta o lugar que ocupa hesed em Oseias, por causa da importância capital de dois de seus textos, especialmente Os 6,6, passagem retomada duas vezes por Jesus no evangelho de Mateus. A seguir, repassa as incidências de éleos em vários livros do Novo Testamento, destacando Tg 2,13. Após este percurso, desde Oseias até o apóstolo Tiago, o autor, concluindo, mostra que a “religião” que agrada a Deus, independentemente de qualquer denominação, quer no âmbito ecumênico, quer no âmbito macro-ecumênico, é a prática da misericórdia.*

Abstract: *In order to contribute more intensively to the “Jubilee of Mercy”, in the light of its promulgation by Pope Francis, the author attempts to give more depth to the very concept of “mercy” in the biblical tradition within the texts of the Old and New Testament. Firstly he deals with the semantic problem in the context of biblical terminology, analyzing especially the Hebrew term hesed and the Greek éleos. Subsequently he comments on the use of hesed in the book of Hosea due to its major importance in two of its texts, especially Hos 6:6, which is a passage occurring twice in the mouth of Jesus, as mentioned in the Gospel of Matthew. Additionally he discusses the use of éleos in various books of the New Testament, not to forget the passage of James 2:13. After the survey since Hosea until the apostle James, the author concludes by pointing out that a “religion” agreeable to God, independently of any denomination what so ever, be it in the roll of macro ecumenism or any other at all, is the practice of mercy.*

Misericórdia, amor, bondade

A Misericórdia que Deus quer

*Ney Brasil Pereira**

* O autor é Mestre em Ciências Bíblicas pelo Pontifício Instituto de Roma e professor emérito da FACASC/ITESC.



Introdução

Em mais uma de suas surpresas, o papa Francisco, intitulando-se apenas como “Bispo de Roma” e “Servo dos servos de Deus”¹, lançou, no dia 11 de abril do corrente ano, a Bula “*Misericordiae Vultus*”, “O rosto da Misericórdia”, convidando a Igreja e o mundo² a celebrarem, em 2016, o “Jubileu extraordinário da Misericórdia”. Por quê? Francisco justifica: “Há momentos em que somos chamados, de maneira ainda mais intensa, a fixar o olhar na misericórdia, para nos tornarmos, nós mesmos, sinal eficaz do agir do Pai”³, que é “*rico em misericórdia*” (Ef 2,4), à semelhança de Jesus de Nazaré, que é “o rosto da Misericórdia” do Pai.

Seria evidentemente proveitoso comentar a Bula, aliás breve, com apenas 25 páginas de texto⁴. Valeria a pena também retomar a segunda Encíclica de João Paulo II, publicada em 30-11-1980, com o título “*Dives in Misericordia*”, “Rico em Misericordia”. Mas o objetivo deste estudo é outro. Pretendo aprofundar o próprio conceito da “misericórdia” na tradição bíblica, verificando alguns dos textos em que o termo ocorre, tanto no Antigo como no Novo Testamento. Não é uma pesquisa exaustiva, claro, mas a que é possível nos limites de um artigo. Primeiro, verificaremos o problema semântico dos termos bíblicos que designam a misericórdia, especialmente o hebraico *hesed* e o grego *éleos*. A seguir, comentaremos o lugar que ocupa *hesed* em Oseias, por causa da importância capital de dois de seus textos, especialmente Os 6,6, passagem retomada duas vezes por Jesus. A seguir, repassaremos as incidências de *éleos* no Novo Testamento. Com esses passos esperamos, ao concluir, ter lançado um pouco de luz sobre “o *euangélion* – a alegre notícia – da misericórdia”, atendendo, quanto nos for possível, à indicação do papa Francisco.

¹ Inclusive na assinatura do documento, ele escreve, simplesmente, “Francisco”, sem o “PP” de papa.

² A Bula é dirigida “a quantos lerem esta carta”, enquanto a Encíclica *Evangelii Gaudium*, de 23-11-2013, é dirigida “ao episcopado, ao clero, às pessoas consagradas e aos fiéis leigos”, isto é, ao âmbito interno da Igreja católica. Já a última Encíclica, *Laudato Si*, “Louvado sejas”, nem explicita os destinatários, subentendidos no subtítulo “sobre o cuidado da casa comum”, cuidado a ser assumido por toda a humanidade.

³ *Misericordiae vultus* (MV), n. 3.

⁴ Na edição que tenho em mãos, de Loyola e Paulus, São Paulo, 2015.



1 A terminologia bíblica

1.1 O hebraico *hesed*

Esse termo hebr. foi constantemente traduzido, na Septuaginta, pelo termo gr. *éleos*, que aí se encontra cerca de 400 vezes⁵; e ambos, por sua vez, na Vulgata, correspondem ao lat. *misericordia*. Em 1927, porém, uma tese de doutorado de Nelson Glueck, traduzida em inglês como *Hesed in the Bible*, veio questionar essa unanimidade⁶. Seu ponto de partida foi a crescente hipótese de que Israel estava ligado à sua divindade por meio da aliança, tais como os tratados dos hititas e de outros povos. Assim, JHWH seria alguém que se relaciona com Israel basicamente dessa maneira. Os Dez Mandamentos, p. ex., seriam estipulações da aliança; as vitórias de Israel, eram recompensa por guardar a aliança; sua apostasia, era violação da aliança; e o *hesed* divino não seria basicamente *misericórdia*, mas *lealdade* em face das obrigações da aliança, uma lealdade que os israelitas também deviam demonstrar. Outros, porém, continuaram a defender a posição tradicional, como Sorg, D. R., que se pergunta: “Os textos atribuem o *hesed* divino à sua aliança ou ao seu amor eterno? Por acaso, não é o *hesed* a antecipação, no AT, do ‘Deus é Amor’ do NT?”⁷. Ainda, segundo Sakenfeld, K. D.⁸, os textos de Ex 20,6 e Dt 5,10 simplesmente afirmam que o amor, *hesed*, de Deus para com aqueles que o amam, *'ahab*, é o oposto daquilo que Ele mostrará aos que o odeiam, independentemente da aliança. Notar, a propósito, o *hesed* eterno em Deus, afirmado no refrão do Sl 136, contrastando com o *hesed* passageiro de Efraim em Os 6,4.

Alonso-Schökel, o grande jesuíta espanhol que se dedicou ao aprofundamento da semântica hebraica, legou-nos, entre tantas obras, o seu Dicionário Bíblico “Hebreo-Español”⁹, no qual, ao tratar do termo *hesed*, afirma: “Este substantivo apresenta dois significados fundamentais: misericórdia, que salienta o aspecto gratuito de benevolência, e lealdade, que ressalta o compromisso. Frequentemente, o significado não está diferenciado; ou os dois aspectos se sobrepõem; ou a distinção

⁵ ESSER, H. H., in BROWN, C. (ed.), *Dicionário Internacional de Teologia do NT*, São Paulo: Vida Nova, 1985, vol. III, p. 177.

⁶ Cf. HARRIS, R. L. (org), in *Dicionário Internacional de Teologia do AT*, São Paulo: Vida Nova, 1998, pp. 499-500.

⁷ *Ibid.*, p. 501.

⁸ In HARRIS, *op. cit.*, p. 502.

⁹ Traduzido como “Dicionário Bíblico Hebraico-Português”, São Paulo: Paulus, 1997.



é duvidosa. O compromisso pode ter base natural (família), ou positiva (aliança). Demonstrando a polissemia do termo, A. Schöckel brinda-nos com um desfile de mais de trinta substantivos equivalentes. A seguir, apresenta uma série de usos de *hesed* como misericórdia, depois como lealdade e, ainda, associado a nomes, formando hendíades, p. ex. *hesed we'emet* (misericórdia e fidelidade), *hesed werahamîm* (misericórdia e compaixão/ternura) etc¹⁰.

Neste ponto, convém lembrar a ampla nota de rodapé sobre a “terminologia” da misericórdia, na já citada encíclica de João Paulo II sobre o tema¹¹. Depois de ter falado sobre o *hesed*, como “vocábulo fundamental”, com as nuances de bondade e amor, a nota continua: “O segundo vocábulo que, na terminologia do AT serve para definir a misericórdia é *rahamîm*. O matiz do seu significado é um pouco diverso do significado de *hesed*. Enquanto *hesed* acentua as características ‘mais masculinas’ da responsabilidade pelo próprio amor, *rahamîm*, já pela própria raiz (*rehem*, o seio materno), denota o amor da mãe. Do vínculo mais profundo e originário que liga a mãe ao filho, brota uma particular relação para com ele, um amor particular. Esse amor, totalmente gratuito, constitui uma necessidade interior: é uma exigência do coração. É uma variante como que ‘feminina’ da fidelidade masculina para consigo mesmo, expressa pelo *hesed*. Sobre este fundo psicológico, *rahamîm* dá origem a uma gama de sentimentos, entre os quais a ternura...”

Quanto à dificuldade de traduzir, nas línguas modernas, um termo tão fundamental, que no grego e no latim é invariavelmente traduzido por “misericórdia”, vejamos como se traduz atualmente o refrão do salmo 136, *ki le'olam hasdô*, literalmente: “pois eterna (para sempre) é a sua misericórdia”. Verificando nas Bíblias que tenho à mão, observo que elas oscilam entre “amor” e “misericórdia”: assim, “*misericórdia*” é a opção da Bíblia italiana da CEI, da Bíblia espanhola da CEE, da Bíblia “do Peregrino”, da ARA (Almeida revista e atualizada), e da “Bíblia Hebraica” da Séfer¹², enquanto “*amor*” é a opção da Bíblia de Jerusalém, da Almeida Século XXI, da New International Version, da Nova Tradução na Linguagem de Hoje, da Bíblia das Vozes, da Nova Pastoral, da Bíblia

¹⁰ Ibid., p. 235.

¹¹ JOÃO PAULO II, *Dives in Misericordia*, nota 52.

¹² Traduzida por GOROVITZ, D. e FRIDLIN, J., “baseada no Hebraico e à luz do Talmud e das Fontes Judaicas”, São Paulo, 2006.



da LEB, de Stadelmann¹³. Outras opções: a TEB traduz por “fidelidade”; a Einheitsübersetzung, por “*Huld*” (“benevolência”); Chouraqui, por “*chérissement*” (“bem-querer”)...

Notar ainda: de *hesed* deriva o termo *hasîd*, designando o justo, aquele que pratica o *hesed*. Esse substantivo, *hasîd*, encontra-se 25 vezes nos salmos, geralmente como sinônimo de *tsadiq*, o justo. Desde a época dos Macabeus, *hasîdim* passou a designar o partido ortodoxo dos hassideus, que na sua forma moderada transformaram-se nos fariseus, e na forma radical tornaram-se os zelotas.

1.2 O grego *éleos*

Os tradutores da Bíblia Hebraica em Alexandria, no Egito, a partir do séc. III, escolheram, como termo gr. equivalente ao hebr. *hesed*, o substantivo neutro *éleos*, que no gr. clássico é masculino¹⁴. Não levaram em conta a polissemia do termo hebr., certamente achando que o termo gr. escolhido era o que melhor lhe correspondia. E assim incorreram na relativa censura que lhes faz o tradutor do Sirácida/Eclesiástico, alertando para a dificuldade de traduzir: “*Os vocábulos hebraicos, quando vertidos para outra língua, já não têm a mesma força*”¹⁵.

O gr. *éleos* expressa a emoção que surge à vista do sofrimento alheio, ou seja, a compaixão, a misericórdia; uma compaixão ativa, que leva a agir. Desse substantivo vem o verbo gr. *eleein*, que encontramos na súplica litúrgica “*Kúrie, eléeson*”. E do verbo vem o substantivo gr. *eleemosúne*, o ato de bondade que segue à compaixão, em nossa língua, numa evolução semântica, “esmola”.

1.3 O latim *misericórdia*

O atual texto latino da Bíblia é o da *Nova Vulgata*, que é uma atualização da antiga *Vulgata*, segundo as últimas descobertas da crítica textual¹⁶. Quanto à própria *Vulgata*, ela não é totalmente obra de São

¹³ STADELMANN, L. I. J., *Os Salmos da Bíblia*, São Paulo: Paulinas e Loyola, 2015.

¹⁴ Cf. ESSER, H. H., in BROWN, C. (ed.), *Dicionário Internacional de Teologia do NT*, São Paulo: Vida nova, 1985, vol. III, p. 177.

¹⁵ Prólogo do Tradutor da Sabedoria de Ben Sirá, o Sirácida.

¹⁶ *Nova Vulgata Bibliorum Sacrorum Editio*, Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1986, 2. ed.



Jerônimo († 420), que traduziu diretamente do hebraico só os livros do TANAK, a Bíblia judaica. Quanto aos deuterocanônicos, ele apenas os revisou. Também revisou os livros do Novo Testamento, já traduzidos na Vétus Latina a partir do séc. II. Assim, a *Vulgata* não é toda de Jerônimo, e além disso o texto latino, copiado e recopiado ao longo da Idade Média, sofreu bastantes alterações.

Os tradutores latinos, inclusive Jerônimo, simplesmente aceitaram a versão do hebr. *hésed* pelo gr. *éleos*, traduzindo-o automaticamente por *misericórdia*, renunciando a traduzir com mais exatidão – certamente por não poderem fazê-lo – a pluralidade de sentidos do original. Quanto a esse termo latino, *misericórdia*, que vem do adjetivo *misericos*, misericordioso, evidentemente é formado por duas raízes: *miserere*, ter compaixão, e *cor*, coração¹⁷, dando a entender uma compaixão que brota do íntimo, diante da necessidade ou sofrimento do *mísero*, o infeliz.

2 A misericórdia em Oseias e no Novo Testamento

2.1 A misericórdia, *hésed*, em Oseias

Sobre Oseias, cujo texto abre o livro “dos Doze Profetas”, gosto muito da concisa síntese que se encontra no final da Introdução ao seu comentário na TEB: “O livro de Oseias, por certo, não encerra toda a revelação bíblica. Mas ele vai tão longe e tão fundo, que o povo de Deus, ainda hoje, não pode lê-lo sem estremecer de esperança...”¹⁸.

Contemporâneo de Amós no reino do Norte, e de Isaías e Miqueias no reino do Sul, Oseias cronologicamente é o primeiro dos profetas do século VIII, que marcaram indelevelmente a profecia bíblica. Seu livro divide-se claramente em duas partes: os capítulos 1 a 3, dedicados à sua experiência matrimonial (parte mais antiga, germinal, do livro), e capítulos 4 a 13, constituída de oráculos de censura e ameaça, coroados pelo apelo final do capítulo 14¹⁹.

Passando agora para os oráculos de Oseias nos quais ocorre o termo *hésed*, encontramos as seis passagens seguintes:

¹⁷ SANTOS SARAIVA, F. R., *Dicionário Latino-Português*, Rio de Janeiro: Livraria Garniel, 1993, 10. ed.

¹⁸ TEB, Tradução Ecumênica da Bíblia, São Paulo: Ed. Loyola, 2015, 2. ed., p.883

¹⁹ PEREIRA, Ney Brasil, *Os Profetas, nossos contemporâneos*, Introdução ao Profetismo, Florianópolis: ITESC, 1997, apostila, p. 28.



1) no final do poema conjugal do capítulo 2º, o reatamento das núpcias entre YHWH e Israel, nos versículos 21 e 22: *Eu me casarei contigo para sempre, eu me casarei contigo conforme a justiça e o direito, com misericórdia e ternura – hebr: hesed we rahamím – eu me casarei contigo na fidelidade, e tu conhecerás a YHWH. É como se “justiça e direito”, “misericórdia e ternura”, e ainda “fidelidade”, fossem os dotes desse casamento renovado.*

2) no início do capítulo 4º, o primeiro oráculo, de apenas três versículos, abrindo toda a segunda parte do livro, é uma das mais veementes denúncias proféticas de toda a Bíblia: *Escutai a palavra de YHWH, filhos de Israel, pois YHWH abre um processo contra os habitantes do país: não há fidelidade nem misericórdia – hesed – nem conhecimento de Deus no país. Eles perjuram e mentem, assassinam e roubam, cometem adultério e violência, e sangue derramam sobre sangue. Por isso, a terra se lamentará, desfalecerão todos os seus habitantes, desaparecerão os animais dos campos, as aves dos céus e até os peixes do mar. A falta da fidelidade e da misericórdia equivale à falta do “conhecimento de Deus” que, para Oseias como para Isaías e Jeremias²⁰ e, também, para João²¹, se comprova na prática da justiça interumana. Portanto, o “desastre ecológico” incumbente – então, no séc. VIII aC, e mais ainda hoje, no início do 3º milênio – tem uma causa: a falta da misericórdia.*

3) no cap. 6º encontramos, nos seis versículos iniciais, outra síntese extraordinária de Oseias. Os primeiros três versículos (6,1-3) parecem expressar uma liturgia penitencial, na qual, atemorizado pela ameaça do castigo, o povo se exorta a si mesmo, através de um portavoz, a retornar a YHWH: *“Vinde, retornemos a YHWH. Se ele despedaçou, ele nos curará; ele feriu, ele pensará a ferida. Depois de dois dias nos fará reviver; no terceiro dia nos levantará, e viveremos na sua presença. Conheçamos, perseveremos no conhecimento de YHWH! Pois certa como a aurora é sua vinda; ele virá a nós como a chuva, como a primeira chuva que rega a terra”*. Note-se, neste trecho, a exortação ao “conhecimento de Deus”, que só é autêntico se leva à prática da justiça, como já lembramos acima.

²⁰ Cf. Jr 22,16: *“Ele [Josias] atendeu á causa do pobre e do indigente... não é isto conhecer-me?”* Isto é, a atenção do rei Josias para os pobres era sinal de que o seu “conhecimento de Deus” o levava à prática da justiça.

²¹ Cf. 1Jo 2,3-4: *“Sabemos que o conhecemos por isto: se guardamos os seus mandamentos...”* Isto é, não há “conhecimento de Deus” sem compromisso ético.



Os três últimos versículos (6,4-6) já são o oráculo, no qual o profeta, em nome de Deus, questiona a qualidade do *hesed* do seu povo: “*Que te farei, Efraim? Que te farei, Judá? O vosso hesed é como a nuvem da manhã, como o orvalho que cedo desaparece. Por isso, eu os feri por meio dos profetas, eu os massacrei pelas palavras da minha boca, e meu julgamento se levantará como a luz. Pois é o hesed que eu quero, e não zebah (“sacrifício de animais, animais degolados”), o conhecimento de Deus (da’at ’elohím) e não holocaustos, animais queimados.* Isto é, apesar de toda a teologia e o aparato sacrificial, até codificado no Levítico, e posto em prática ao longo dos séculos no Templo, se lemos bem este oráculo, duas vezes citado pelo Senhor Jesus (Mt 9,13 e 12,7), Deus *não quer o culto sacrificial, não quer animais degolados nem queimados, ’ôlah, mas quer, sim, o hêsed: a misericórdia, amor, bondade, benevolência, solidariedade; e quer, sim, por isso mesmo, o conhecimento de Deus, que leva à prática da justiça.*

Como, então, entender que, apesar de uma palavra profética tão clara, que não é só a de Oseias, mas também a de Amós, Isaías, Miqueias, Jeremias, do Sl 50(49) etc, como entender que a vertente *ritual* da religião prevaleceu, ao longo da história, não só do judaísmo mas também do cristianismo e, praticamente, de qualquer religião, em desfavor da vertente *ética*? E no entanto é a ética, o *hesed*, a misericórdia, que Deus quer, como também o sintetizou Miquéias: “*Foi-te anunciado, ó homem, o que é bom, o que YHWH exige de ti: nada mais do que praticar o direito, mishpât, amar a bondade, hêsed, e caminhar humildemente com teu Deus!*” (Mq 6,8).

A propósito, vejam o que nos diz Cesário de Arles, do séc. VI²², numa homilia sobre a bem-aventurança da misericórdia: “É suave a palavra *misericórdia*, meus irmãos. E se a palavra assim é, o que não será a realidade? Apesar de todos a desejarem, não agem de modo a merecer recebê-la, o que é mau. De fato, todos querem receber a misericórdia, mas poucos querem dá-la. Ó homem, com que coragem queres pedir aquilo que finges dar! Deve, portanto, conceder misericórdia aqui na terra quem espera recebê-la no céu. [...] Há, portanto, a misericórdia terrena e a celeste, a humana e a divina. Qual é a misericórdia humana? Aquela que te faz olhar para as misérias dos pobres. E a misericórdia celeste? A que te concede o perdão dos pecados. Tanto quanto a misericórdia

²² CESÁRIO de Arles, *Sermo* 25,1, CCL 103,111, na 2ª leitura da Liturgia das Horas da 2ª feira da 17ª semana comum.



humana distribui pelo caminho, recompensa-o na pátria a misericórdia divina. Neste mundo, Deus, em todos os pobres, sofre frio e fome. Ele mesmo o disse: *Sempre que o fizestes a um destes pequeninos, a mim o fizestes* (Mt 25,4). Deus, pois, que no céu se digna dar, quer, na terra, receber. [...] Pergunto-vos, irmãos, que quereis ou que buscais quando vindes à igreja? Não é a misericórdia? Dai, então, a misericórdia terrena, e receberéis a celeste. O pobre pede a ti, e tu, a Deus. O pobre pede um pedaço de pão; tu, a vida eterna. Dá, ao mendigo, o que merecerás, tu, receber de Cristo”.

Ainda, em Oseias, há duas incidências menores, mas não menos expressivas do termo *hésed*: em Os 10,12, e em Os 12,7. Em Os 10,12, o oráculo é estimulante: *Semeai para vós segundo a justiça, tsedaqah, colhei conforme a misericórdia, hésed, arroteai para vós um terreno novo: é tempo de procurar a YHWH, até que ele venha e faça chover a justiça, tsédeq, sobre vós. Enfim, Os 12,7, de novo estimulante: “Tu, graças ao teu Deus, voltarás! Guarda a misericórdia, hésed, e o direito, mishpát, e espera sempre no teu Deus!”²³. Em resumo, é isto o que o Senhor quer de nós e é a isto que nos exorta o profeta: à prática da misericórdia.*

2.2 A misericórdia, *éleos*, no Novo Testamento

Mateus emprega o termo *éleos* três vezes, não só quando cita Os 6,6, mas também citando Mq 6,8. As duas primeiras vezes, justificando a atitude misericordiosa de Jesus em relação aos pecadores e indigentes, sobrepondo-os à dura prática da Lei. No cap. 9,13, na cena do banquete em casa de Levi, Jesus justifica estar em companhia de “publicanos²⁴ e pecadores”, mesmo incorrendo na acusação de “impureza ritual”, pois é isso que Deus quer, a solidariedade misericordiosa, e não o rito pelo rito. No cap. 12,7, novamente os fariseus, zelosos da Lei, se escandalizam ao verem os discípulos colhendo e comendo espigas de trigo em dia de sábado. E Jesus, após vários argumentos, inclusive culminando com o princípio de que “o homem não foi feito para o sábado, mas o sábado para o homem”²⁵, recorda, Os 6,6, advertindo: “Se tivésseis

²³ Sobre os textos de Oseias, naturalmente pode-se ampliar a pesquisa consultando os comentários à disposição. Veja, p. ex., de ANDERSEN, Francis I. e FREEDMAN, David Noel, *Hosea, a New translation and Commentary*, The Anchor Bible, Garden City, New York: Doubleday, 1980, 699 pp.

²⁴ “Publicanos”, isto é, cobradores do *publicum*, o imposto do Império.

²⁵ Cf. a formulação de Mc 2,27-28.



chegado a compreender o que significa, ‘*Misericórdia eu quero, e não sacrifício ritual*’, não condenaríeis inocentes”. Mas temos também o texto de Mt 23,23, em pleno capítulo das denúncias proféticas contra o farisaísmo hipócrita²⁶, quando Jesus condena a mesquinha de “filtrar o mosquito mas engolir o camelo”. E argumenta: “Vós, fariseus, pagais o dízimo da hortelã, da erva-doce e do cominho, e deixais de lado os ensinamentos mais importantes da Lei, como *o direito, a misericórdia e a fidelidade* (cf. Mq 6,8)²⁷. Isto é o que deveríeis praticar, sem contudo deixar aquilo²⁸”.

Marcos não cita literalmente Os 6,6 mas refere-se claramente ao seu conteúdo, no diálogo entre um escriba e Jesus, sobre “o primeiro de todos os mandamentos” (Mc 12,28-34). O escriba concorda com a resposta de Jesus, de que “o primeiro” mandamento é duplo, o amor a Deus e ao próximo, e confirma, aludindo a Oseias: “Amar a Deus de todo o coração, com toda a mente e com toda a força, e amar o próximo como a si mesmo, isto *supera todos os holocaustos e sacrifícios*” (Mc 12,33). E Jesus, percebendo que o escriba tinha falado com inteligência, diz-lhe: “Não estás longe do Reino de Deus” (Mc 12,34).

Lucas exalta a misericórdia, o *éleos*, do Deus de Israel, nos dois cânticos do primeiro capítulo do seu evangelho. No *Magnificat*, Maria proclama que essa misericórdia *se estende de geração em geração sobre aqueles que O temem* (Lc 1,50), e que Ele acolheu Israel, seu servo, *lembrando-se da sua misericórdia...* (Lc 1,54). Antes do cântico de Zacarias, o nascimento de João Batista é visto como *sinal da misericórdia* que Deus grandemente demonstrara para com Isabel²⁹, idosa e até ali estéril (Lc 1,58). No *Benedictus*, Zacarias proclama que Deus *mostrou* (lit. “fez”) *misericórdia para com nossos pais, lembrando-se de sua*

²⁶ Textos de grande violência verbal, que se encontram também em Lc 11,37-52, provavelmente recolhidos da “Quelle”, a “Fonte” dos discursos de Jesus.

²⁷ Sem citar o versículo integral do profeta, Jesus ressalta seus três termos-chave: a “justiça”, lit. “direito”, ou “juízo”, gr. *krísis*; a “misericórdia”, gr. *éleos*; e a “fidelidade”, gr. *pístis*. Este v. de Mq 6,8 faz parte de um dos mais impressionantes oráculos da literatura profética, Mq. 6,1-8, que começa com a instauração de um “processo”, hebr. *rîb*, entre Deus e seu povo: Deus se mostra descontente, o povo se questiona se é porque Ele esteja querendo “mais sacrifícios, quem sabe até humanos” (!), e Miqueias esclarece que Deus só quer do seu povo “o que é bom”, a saber, os três valores acima, que aliás sintetizam a pregação de Amós, Oseias, e Isaías.

²⁸ Esta citação de Mq 6,8 encontra-se também em Lc 11,42, com pequenas variantes: “Vós... pagais o dízimo da hortelã, da arruda... mas deixais de lado *a justiça* (gr. *krísis*) e *o amor* (gr. *agápe*) de Deus.

²⁹ Lit. “O Senhor engrandecera a sua misericórdia para com ela”.



santa aliança (Lc 1,72), e que a salvação, pelo perdão dos pecados, nos foi dada a conhecer *graças à ternura* (lit. entranhas!) *da misericórdia do nosso Deus...* (Lc 1,78). Mas temos ainda, em Lucas, a paradigmática parábola do samaritano (Lc 10,29-37), narrada por Jesus para esclarecer a pergunta do doutor da Lei sobre “quem é o meu próximo”. Encurralado pela lógica de Jesus, ele não tem como não responder: “É aquele que *agiu com misericórdia* (lit. “*fez misericórdia*”) para com ele.

João não usa o termo *éleos* em seu evangelho, praticamente substituindo-o por *agápe*, “amor”, ou, excepcionalmente, como na síntese do prólogo, em 1,14, por *cháris*, “graça”. De fato, a hendiade do Lógos “cheio de graça e de verdade”, gr. *pléres xáritos kai aletheias*, corresponde à hendiade de YHWH, “rico em misericórdia e fidelidade”, hebr. *râb hesed we'emeth*, gr. *poluéleos kai alêthinós*³⁰, no texto da revelação a Moisés (Ex 34,6). Afinal, na 1ª carta, a hendiade será substituída pelo simples substantivo *agápe* – amor oblativo, amor que se doa – na suprema definição do ser de Deus: *Deus é Amor* (1Jo 4,8.16). E assim, o Deus que é *hésed*, misericórdia, e que quer de nós o *hésed* interumano (Os 6,6), Ele, que é *agápe*, amor, quer de nós, no “único mandamento” de seu Filho, que pratiquemos o *agápe* interumano, o amor fraterno (Jo 13,34 e 15,12).

Paulo, na carta aos romanos, fala dos “*vasos de misericórdia*” que somos nós, judeus e pagãos, que antes *não éramos seu povo*, agora o somos; que antes *éramos “não amados”*, agora o somos, realizando-se a profecia de Oseias (2,1-3), agraciados, em Jesus, com a misericórdia do Pai³¹. Na carta aos efésios, reconhecendo “o imenso amor com que Deus nos amou”, a nós, que “éramos por natureza destinados à ira”, Paulo retoma Ex 34,6: Ele é “*rico em misericórdia*” (Ef 2,4). No começo da 2ª carta a Timóteo, ele refere-se à família de Onesíforo, que o tinha socorrido na prisão, pedindo que “o Senhor lhe *faça misericórdia*”... e lhe conceda “*alcançar misericórdia*” (2Tm 1,16.18). A propósito, é bela a exortação da carta aos **hebreus**: “Aproximemo-nos, confiantes, do trono da graça, *para conseguirmos misericórdia* e alcançarmos graça para um auxílio oportuno” (Hb 4,16). No “Bendito” inicial da 1ª carta de **Pedro**, o apóstolo proclama que é *por sua grande misericórdia*, pela ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos, que Ele nos fez nascer de

³⁰ Lit. “muito misericordioso e verdadeiro/fiel”.

³¹ Cf. PEREIRA, N. B., “Cheia de graça, a não-Amada? Ou seja: Lc 1,28 responde a Os 1,6?”, in “Encontros Teológicos”, ITESC, Florianópolis, n. 49 (2008/1), pp. 149-163



novo... (1Pd 1,3). Na carta de **Judas**, seu autor nos exorta a “manter-nos no amor de Deus, *esperando a misericórdia de Nosso Senhor Jesus Cristo*”, não esquecendo de *tratar com misericórdia* aqueles que se encontrem hesitantes... (Jd vv. 21-22).

Finalmente, a breve mas densa passagem da carta de **Tiago**, acerca do “trunfo” da *misericórdia* sobre o “*juízo*”. Eis o texto que culmina a advertência contra a discriminação de pessoas, especialmente contra o desprezo dos pobres: “*Falai e procedei, pois, como pessoas que vão ser julgadas pela Lei da liberdade. Pensai bem: o juízo vai ser sem misericórdia para quem não praticou a misericórdia; a misericórdia, porém, triunfa sobre o juízo*” (Tg 2,12-13). Nestes dois versículos, há alguns termos a serem explicados: a “lei da liberdade”, o “juízo”, o “trunfo sobre o juízo”.

Primeiro, é instigante o paradoxo da expressão “lei da liberdade”, gr. *nómos eleutherías* (v.12, mas já em 1,25: “lei perfeita da liberdade”), portanto, uma “liberdade não anárquica”, mas como que garantida pela Lei. Uma lei que liberta, como a Palavra de Jesus que, sendo aceita, liberta (Jo 8,32). A propósito, não é por nada que o Decálogo inaugura e orienta a liberdade conseguida após o Êxodo: isto é, sem o respeito aos direitos do outro não posso garantir meus próprios direitos, aos quais correspondem necessariamente “deveres”, isto é, leis. Essa lei, que é a do amor ao próximo, é chamada também de “lei real”, gr. *vómos basilikós* (v. 8)... por quê? Lei “do Reino”, entendendo-se o Reino de Deus? Ou “Lei primeira, única, que ‘rege’ todas as outras? Responda-o Paulo, na carta aos gálatas: “Sim, irmãos, *fostes chamados para a liberdade*. Porém, não façais da liberdade pretexto para servirdes à carne. Pelo contrário, *fazei-vos servos uns dos outros*, pelo amor. Pois toda a Lei se resume *neste único mandamento*: ‘Amarás a teu próximo como a ti mesmo’ (Gl 5,13-14).

Segundo, o “juízo”, gr. *krísis*, hebr. *mishpat*, aqui claramente com o sentido judicial, retributivo, implacável, “sem misericórdia, para quem não praticou misericórdia”³²! É semelhante a perspectiva do Livro da Sabedoria, advertindo os “poderosos” do juízo inexorável que os espera, caso abusem do seu poder, portanto, caso governem sem misericórdia: “...Um juízo implacável, gr. *krísis apótomos*, cairá sobre os que detêm altas posições, pois o pequeno é

³² Recorde-se, a propósito, o flagrante ensinamento de Jesus na parábola do credor impiedoso, Mt 18,21-35.



escusável e digno de misericórdia, enquanto os poderosos serão examinados poderosamente” (Sb 6,5-6).

Terceiro, o “triunfo sobre o julgamento”. De que “triunfo” se trata? A frase original, em gr., *katakauxâtai éleos kriseôs*, literalmente significa, de modo ainda mais contundente: “a misericórdia *desdenha* do julgamento”, ou mesmo, “*se gloria contra* o julgamento”³³. Quer dizer, parafraseando o dito esplêndido de João sobre a “*vitória da Fé sobre o mundo*” (1Jo 5,4), podemos proclamar, com Tiago, a “*vitória da misericórdia, da bondade, do amor, sobre o julgamento*”³⁴.

Conclusão

Após este percurso, desde Oseias até o apóstolo Tiago, creio que vale a pena, concluindo, insistir na “religião” que agrada a Deus, aquela que Deus quer, independentemente de qualquer denominação, quer no âmbito ecumênico, quer no âmbito macro-ecumênico do diálogo interreligioso. O mesmo Tiago, no final do primeiro capítulo da sua carta, nos declara com toda a clareza: “*Religião pura e sem mancha diante do Deus e Pai é esta: assistir os órfãos e a viúvas em suas tribulações, e guardar-se livre da corrupção do mundo*” (Tg 1,27).

O termo “religião”, que aí corresponde ao gr. *thrêskeia* (respeito, culto, adoração à divindade), designa, como se vê, gestos, elementos, exteriores, que traduzem uma atitude interior. Essa atitude interior para com Deus é, fundamentalmente, a fé, a confiança nele e adesão à sua Palavra, adesão antes de tudo pessoal, normalmente numa comunidade de fé. Quando essa atitude pessoal se expressa comunitariamente, ela o faz em duas vertentes: na vertente *ritual*, e na vertente *ética*. A vertente *ritual* é a que distingue as “religiões”, com seus diversos ritos e mitos, e é o elemento que mais aparece, o que mais facilmente se cumpre. Enquanto a vertente *ética*, sendo autêntica, une as “religiões”, todas elas exigindo o amor ao próximo, a bondade, a misericórdia. Ora, nossos cultos e li-

³³ Cf. BAILLY, A., *Dictionnaire Grec-Français*, Paris: Hachette, 1950. A propósito, é interessante a descrição que Hort faz da cena: “*Krisis* vem para falar como acusador no tribunal de Deus, enquanto *Éleos* permanece de pé, sem medo, como que para resistir, de modo desafiador, à acusação” (HORT é cit. por MOO, Douglas, J., *Tiago, Introdução e Comentário*, Série Cultura Bíblica, São Paulo: Vida Nova, 1990, p. 98).

³⁴ Muito interessantes, a propósito de Tg 2,13, os comentários de CHAMPLIN, Russell Norman, in *O Novo testamento interpretado versículo por versículo*, vol. VI, São Paulo: Milenium, 1982, p. 41.



turgias são tantas vezes caprichados, encham os olhos e o coração... mas não agradam a Deus enquanto não nos levam ao próximo, e ao próximo necessitado. Ora, é justamente isto o que afirma, lapidarmente, o oráculo do profeta: *Eu quero a misericórdia, e não o rito!* E é também o que reafirma a sentença do apóstolo: *Religião pura é assistir os órfãos!*... Possa este “Ano da Misericórdia”, segundo o desejo e proposta de Francisco, ajudar-nos a concretizar esta Misericórdia, que é a vontade do Pai.

Endereço do Autor:

Caixa Postal 5041
88040-970 Florianópolis, SC
E-mail: ney.brasil@itesc.org.br